

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2005

ESPÍRITOS EM PRISÃO: UMA PESQUISA SOBRE 1 PEDRO 3:19

ALEX ROBSON DA SILVA E ALEXANDRE CATALANO

Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em novembro de 2005

Orientador: Wilson Paroschi, Ph.D.

alexrobsonteol@yahoo.com.br / acatalano@itelefonica.com.br

RESUMO: O texto de I Pedro 3:19 tem sido interpretado de diferentes formas. Algumas dessas interpretações afirmam que os “espíritos em prisão” são as almas dos antediluvianos presos no *hades*. Uma segunda corrente afirma que esses “espíritos” são anjos caídos presos ao pecado ou em algum lugar. Por fim, uma terceira interpretação entende os “espíritos em prisão” como sendo pessoas vivas que estavam aprisionadas ao pecado nos dias de Noé. Esse estudo propõe que esses “espíritos em prisão” eram os antediluvianos, e que Cristo pregou a eles mediante o ministério de Noé. Não eram seres humanos que estavam presos no *hades*, nem tão pouco, anjos caídos, mas pessoas vivas presas ao pecado e capazes de aceitar a salvação em sua época.

PALAVRAS-CHAVE: *hades*, espíritos em prisão, antediluvianos, anjos caídos, Pedro.

SPIRITS IN PRISON: A RESEARCH ON 1 PETER 3:19

ABSTRACT: The text of 1 Peter 3:19 has been interpreted in many ways. Some affirm that these “spirits in prison” are the souls of the antediluvian people that are in prison in the *hades*. Other see them as a reference to the fallen angels in prison to sin, or to some specific place. Finally, a third view proposes that the words “spirits in prison” are a reference to sinful people that were alive in the days of Noah. This study corroborates the third view, seeing the “spirits in prison” in 1 Peter as a reference to the antediluvian people, to whom Christ preached through the ministry of Noah. It is not a reference to dead soul locked in *hades*, neither to fallen angels, but to people who were alive but, because of their enslavement to sin, were unable to accept salvation in their time.

KEYWORDS: *hades*, spirits in prison, antediluvian, fallen angels, Peter.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Curso de Teologia

ESPÍRITOS EM PRISÃO: UMA PESQUISA SOBRE I PEDRO 3:19

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito parcial
à Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Alex Robson da. Silva

Alexandre Catalano

Novembro de 2005

ESPÍRITOS EM PRISÃO: UMA PESQUISA SOBRE I PEDRO 3:19

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para o Título de
Bacharel em Teologia

Por

Alex Robson da Silva

Alexandre Catalano

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Wilson Paroschi, Ph.D.
Professor de Novo Testamento

Avaliação

Rubens Aguilar, Ph.D.
Professor de Teologia Histórica

Data da Aprovação

Amin A. Rodor, Th.D.
Diretor do Curso de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Capítulo	
I. REVISÃO DE LITERATURA	2
Almas de Pessoas no Hades	2
Anjos Caídos	3
Pessoas Aprisionadas ao Pecado	4
Resumo e Conclusão Parcial	5
II PERÍCOPE E TRADUÇÃO	7
Delimitação da Perícope	7
Variantes Textuais e Tradução	8
III. CONTEXTO HISTÓRICO DO LIVRO	9
Contexto Histórico Geral	9
Contexto Específico	10
IV. ANÁLISE DO TEXTO	11
Análise Contextual	11
Análise Léxico-Sintática de Pneuma e Fulakē	13
O Significado de Pneuma em Relação a Fulakē	15
Conclusão Parcial	21
CONCLUSÃO	22
BIBLIOGRAFIA	23

INTRODUÇÃO

O texto de I Pe 3:19 tem sido interpretado de diferentes formas. Algumas dessas interpretações afirmam que os “espíritos em prisão” são as almas dos antediluvianos presos no hades. Uma Segunda interpretação afirma que esses “espíritos” são anjos caídos presos ao pecado ou em algum lugar. Por fim, uma terceira interpretação entende os “espíritos em prisão” como sendo pessoas vivas que estavam aprisionadas ao pecado nos dias de Noé.

O objetivo deste trabalho é analisar detalhadamente o texto em questão a fim de determinar o que realmente Pedro quer dizer. Para isso, a pesquisa será dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo consiste numa revisão de literatura, em que as principais interpretações acima mencionadas, e seus respectivos defensores, serão apresentadas em detalhes. O capítulo seguinte visa a determinar os limites da perícopé, isto é, o contexto literário imediato da passagem, e eventuais problemas de tradução que possam afetar a compreensão do texto. A seguir, o capítulo três discorre sobre o contexto histórico do livro, tanto o contexto histórico geral quanto o contexto específico, ou seja, a situação específica em que tanto o autor quanto os seus leitores se encontravam no momento em que a epístola foi escrita. Por fim, no último capítulo, é oferecida uma análise minuciosa da passagem, seu contexto, problemas léxico-sintáticos, o tema, e implicações teológicas. Uma breve conclusão apresentando os pontos básicos do estudo é apresentada a seguir.

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA

Este primeiro capítulo consiste numa revisão de literatura. O propósito é apresentar as várias interpretações dos “espíritos em prisão” mencionados em I Pe 3:19.

Almas de Pessoas no Hades

Alguns autores dizem que a expressão “espíritos em prisão” em I Pe 3:19 significa as almas de pessoas presas no hades. Cristo pregou a eles quando visitou o inferno no intervalo entre Sua morte e ressurreição, pregando aos desobedientes dos dias de Noé (verso 20). Esses autores rejeitam a teoria daqueles que crêem ser esses espíritos em prisão anjos caídos, idéia retratada no livro de I Enoque (apócrifo). A alegação é que a melhor tradução de *pneuma* em português seria “espírito”, e não seres angelicais. Espírito aqui, portanto, deve se referir aos seres humanos que foram desobedientes nos dias de Noé e estavam mortos. De acordo com I Pe 4:6, esses também precisavam ouvir de Jesus o evangelho. Assim o pecador de todas as eras tem uma nova chance de ouvir as boas novas.

Tradicionalmente, baseada em I Pe 4:6, a Igreja Oriental Ortodoxa tem orientado que essa pregação ofereceu vida e liberdade do hades aos desobedientes mortos para viverem com Cristo no céu. Segundo Champlin, a revelação de Pedro é progressiva e vai além do Novo Testamento, trazendo cada vez mais nova luz ao que já foi revelado, não se detendo nas velhas concepções (o Antigo Testamento) do juízo. Trata-se de um novo

mistério. Ef 4:8-11 parece confirmar essa idéia, ao dizer que Cristo subiu às alturas e levou os cativos, que seriam os “espíritos em prisão”, pois já havia descido até às regiões inferiores da terra para conceder dons aos homens. Fazendo uma ligação deste texto com Ef 1:9 e 10, que fala sobre o mistério da vontade de Deus, pode-se notar uma harmonia e nova revelação acerca de uma dimensão nunca suspeitada da missão de Cristo no processo de salvação universal, preenchendo Ele toda a Sua plenitude.

Os que assim pensam se baseiam em escritores de várias épocas, até mesmo Clemente de Alexandria, que dizia que os apóstolos dão continuidade aos labores de Jesus naquelas regiões espirituais; Cristo abriu o Hades como campo missionário. Em I Pe 3 é evidenciado o sofrimento de Jesus. Portanto, não é preciso mais o pecador sofrer, mesmo os desobedientes dos dias de Noé¹.

Anjos Caídos

Os autores que defendem a idéia de ter Cristo pregado a anjos caídos em Sua ressurreição afirmam que Ele fez uma pregação em forma de proclamação quando ressuscitou. Eles afirmam que no verso 19 *pneuma* (espírito) é o mesmo que anjos caídos com possível adição da decadência dos anjos que tiveram filhos com as filhas dos homens. Jesus em Sua ressurreição teria ido à um lugar não-mencionado de anjos confinados, possivelmente nas regiões celestes. Não se pode precisar esse lugar, pois não aparece no texto nenhuma evidência conclusiva indicando que a prisão se refira ao inferno. A vitória

¹Russel Norman Champlin e João Marques Bentes, “Espíritos na Prisão (I Pedro)”, *Enciclopédia de bíblia teologia e filosofia* (São Paulo: Candeia, 1991), 2:517-518. Veja também Tomas de Aquino, *Sumas Teológicas* (São Paulo: Imprimeria Monsenhor Enesto de Paula, 1934), Vol. XXIV; 227-265.

da proclamação não relata o lugar, e I Pe 3:22 fala que Cristo foi para o céu.

O verbo grego *kerysso*, que quer dizer “proclamar” ou “pregar”, apresenta a Cristo como Aquele que proclamou Sua vitória aos anjos caídos; não proclamou aos espíritos humanos e nem foi à nenhum inferno. A importância deste verso está na proclamação da vitória de Jesus sobre os anjos caídos. Cristo não anuncia o evangelho no hades em I Pe 3:19, e nem prega salvação aos anjos caídos. Ele os vence na morte e ressurreição e agora proclama Sua vitória. II Pe 2:4 fala de onde Deus encerrou os anjos para o juízo, e é justamente esse juízo que Jesus proclama em I Pe 3:19, a vitória final sobre os anjos caídos (conforme é relatado no apócrifo de I Enoque)¹.

Pessoas Aprisionadas ao Pecado

Esta passagem de I Pe 3:19 também tem sido interpretada com referência a pessoas presas ao pecado. Existem três variações dessa interpretação básica.

A primeira explicação diz que Cristo foi vivificado “pelo Espírito” (final do verso 18) e é através deste Espírito que Cristo pregou aos “espíritos em prisão”, os antediluvianos (verso 19). Portanto, Cristo teria pregado mediante o Espírito Santo, por meio do ministério de Noé.

A segunda explicação, diz que Jesus foi vivificado “no espírito” ao invés de ser

¹Frank E. Gaebelien, “I Pedro”, *The Expositors Bible Commentary*, ed. Edwin A. Blum (Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1981), 12:242-243. Veja também “The spirits in prison”, [I Pet. 3:19], *The International Bible Commentary*, ed. F. F. Bruce (Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1986), 1558-1559; David A. Hulbard, “I Pedro”, *Word Biblical Commentary*, ed. J Ramsey Michaels (Waco, Texas: Word Books Publisher, 1988), 49: 205-211; Walter A. Elwell, “Espíritos em prisão (I Pedro)”, *Enciclopédia histórica teológica da igreja cristã*, Trad. Gordon Chown, ed. E. F. Harrison (São Paulo: Vida Nova, 1984), 2:72-75; David d. S. Dockery, ed., *Manual bíblico* (São Paulo: Vida Nova, 2001), 168-169.

pelo Espírito (final do verso 18), o que seria uma referência a Cristo em Sua preexistência espiritual, ou seja, a glorificação de Seu corpo reassumida na ressurreição. A idéia seria análoga à expressão “Deus é Espírito” de Jo 4:24. O Significado, portanto, é que também “no espírito” o próprio Jesus pregou aos “espíritos em prisão” (verso 19), aos antediluvianos, através do ministério de Noé.

A terceira explicação não é muito diferente da anterior. O que diverge é que além de Cristo pregar por meio de Noé aos “espíritos em prisão” “que outrora foram desobedientes”, Ele proclamou também “no espírito” (Sua natureza glorificada, verso 18), a salvação imediata através de Sua morte e ressurreição àqueles que foram salvos do dilúvio (verso 20); salvou-os da água, mas também do juízo vindouro (versos 18 e 20), e assim, salva através do batismo das águas a todos que O aceitarem¹.

Resumo e Conclusão Parcial

Essa rápida revisão de literatura nos permite entender mais facilmente os pensamentos que se têm construído em torno desta difícil passagem. As interpretações baseiam-se em opiniões já previamente formadas sobre a natureza do homem. Exemplo: a mortalidade da alma, defendida por aqueles que crêem ser os “espíritos em prisão” pessoas vivas que estavam aprisionadas ao pecado (os antediluvianos); “imortalidade da alma”, defendida por aqueles que crêem que esses espíritos são as almas de pessoas presas no

¹“Spirits in Prison”[I Pet. 19:3], *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, ed.F. D. Nichol (Hagerston, MD: Review and Herald Publishing Association, 1980), 7:574-576. Veja também: Clifton J. Allen, “I Pedro”, *Comentário Bíblico Broadman*, ed. Ray Summers, 3ª ed. (Rio de Janeiro: JUERP, 1990), 12:190-195; George E. Rice, *Una Esperanza Viva*, Trad. Gastón Clouzet (Buenos Aires: Asociacion Casa Editora Sudamericana, 1992), 92-94; W. Wilbert Welch, *A primeira epistola de Pedro*, Trad. Yolanda M. Krievin (São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1978), 68.

hades; e existe um terceiro pensamento segundo o qual os espíritos são os anjos caídos, que depois da morte e ressurreição de Cristo ouviram Sua proclamação de vitória sobre eles.

CAPÍTULO II

PERÍCOPE E TRADUÇÃO

Antes que o texto seja analisado, é importante que definamos o seu contexto literário imediato, ou seja, os limites de perícopes, e aspectos envolvendo a tradução do texto.

Delimitação da Perícopes

O estudo de I Pe 3:19 sugere que a perícopes poderia ser de 3:13 até 4:6, tratando do assunto do “sofrimento sob a promessa da vindicação”. Nesta perícopes observa-se uma mudança de tema ou assunto em relação à perícopes anterior (2:13-3:12), que trata das “normas para com os que vivem no mundo”. Nota-se que a partir 3:13 começa um novo assunto, o sofrimento dos cristãos por fazerem o bem, que se estende até o verso 17. Percebe-se também, que o assunto continua, uma vez que no início do verso 18 aparece a conjunção explicativa “pois” ou “porque” (*kreiton*), ligando o que fora dito antes com a nova ênfase no sofrimento de Cristo. Entende-se, então, que o cristão sofre por fazer o bem (3:13-3:17); e depois o autor faz uma alusão ao dilúvio falando da recompensa de Noé (3:19-20). Fala também da recompensa dos cristãos através do batismo (a nova vida), e da exaltação de Cristo como exemplo e certeza de que irão vencer também (3:18-22). À luz do verso 22, pode parecer que o assunto acaba ao falar de Cristo ir ao céu e estar a destra de Deus, mas ele continua no verso 1 do capítulo 4. Isto pode ser demonstrado pelo uso da conjunção conclusiva “portanto” (*oun*) em 4:1, o que indica que o que segue (4:1-6)

conclui o assunto anterior (3:13-22). A passagem de 4:1-6 é, portanto, uma subdivisão da perícopes; sua ênfase está no “viver sob a promessa da vindicação”. Já em 4:7, o autor muda de assunto, e passa a falar dos “deveres do amor mútuo dos crentes”¹.

Variantes Textuais e Tradução

Embora o aparato crítico apresente algumas variantes textuais em 3:13-4:6, nenhuma delas afeta a compreensão ou a interpretação do texto. Quanto à tradução, as diferenças entre as várias versões também não são significativas. A maior variação está em relação ao final do verso 18, que a Almeida Contemporânea traduz como “vivificado pelo Espírito”, e não como “vivificado no espírito”, como o faz a Almeida Revista e Atualizada. Como será visto mais à frente (capítulo IV), a tradução da Revista e Atualizada deve ser a preferida.

¹O autor J. Ramsey Michaels concorda com esta mesma delimitação da perícopes iniciando em 3:13 e terminando em 4:6 (Spirit, Word Biblical Commentary, ed. David A. Hubbard [Waco, Tx: Word Books Publisher, 1988], 49: 205-211). Há outros que não concordam e delimitaram a perícopes de forma diferente: Clifton J. Allen que delimita de 3:13 até 4:11 (“I Pedro”, *Comentário Bíblico Broadman*, ed. Ray Summers, 3ª ed. [Rio de Janeiro: JUERP, 1990], 12:190-195); F.F. Bruce, 3:13-4:19 (“The spirits in prison”, [I Pet. 3:19], *The International Bible Commentary*, ed. F. F. Bruce [Grand Rapids, Mi: Zondervan, 1986], 1558-1559); Edwin A. Blum, 3:18-22 (“I Pedro”, *The Expositors Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelein [Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1981], 12:242-243); e o Comentário Bíblico Adventista, 3:14-22 (“Spirits in Prison” [I Pet. 19:3], *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, ed. F. D. Nichol [Hagerston, MD: Review and Herald Publishing Association, 1980], 7:574-576). Discordamos deles por motivos citados anteriormente na delimitação da perícopes.

CAPÍTULO III

CONTEXTO HISTÓRICO DO LIVRO

Antes de entrarmos na interpretação do texto propriamente dita, seria bom conhecermos um pouco mais acerca do autor de I Pedro e sua situação histórica.

Contexto Histórico Geral

Embora haja quem discorde, existe um consenso geral de que esta epístola foi de fato escrita pelo apóstolo Pedro (I Pe 1:1-12), provavelmente na década de 60 dC por ocasião do reinado de Nero, pouco antes da perseguição oficial desse imperador aos cristãos (64 dC). Essa informação está baseada em Papias que, no início do II século, usou passagens de I Pedro (segundo o bispo Eusébio)¹. Portanto, o livro teria sido escrito por volta de 63-66 dC.², em Roma que, em I Pe 5:13, é chamada de Babilônia, como um símbolo novo e oculto para a capital do império (idéia encontrada na literatura cristã e judaica dos séculos I e II; e no *Oráculo Sibilino* V, 159)³. A epístola, conforme a declaração especificada do autor, foi enviada aos forasteiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia (1:1). Com base em 4:3, parece que os leitores originais eram

¹Broadus Davd Hale, *Introdução ao estudo do novo testamento*, Trad. Cláudio Vital (São Paulo: Hagnos, 2002), 380.

²Russel Norman Champlin, *O novo Testamento Interpretado* (São Paulo: Hagnos, 2002), 6:88.

³Hale, 380.

gentios, pelo menos na sua maioria, e há indicações no texto de que os leitores pertenciam a uma classe social mais baixa (2:1-10,13 –17). Havia nessas regiões perseguições, em pequena escala, aos cristãos por não cultuarem o imperador e os patronos da cidade¹, e Pedro sabia que o pior estava ainda por vir. Isso foi evidenciado mais tarde, quando o imperador Nero, em julho de 64 dC, incendiou Roma com a intenção de construir uma nova cidade, e colocou a culpa nos cristãos. Os apóstolos Paulo e Pedro estavam lá e morreram nessa época.

Contexto Específico

A passagem trata do sofrimento cristão, e reflete a parte final da vida do autor e de seu ministério. Ao perceber a pressão social e a perseguição que os cristãos estavam experimentando nas terras gentílicas, Pedro os exorta a sofrer na prática do bem (3:13-4:6; 4:12-19), resistindo até o fim. Pedro também pede à eles que cumpram suas obrigações para com os não-crentes (2:13-312; 4:7-11; 5:1-11) mesmo sob injúrias (2:12; 3;16). Os gentios daquelas regiões também viviam em bebedices, glotonaria, adultérios e outros pecados. Pedro porém faz uma exortação para que os crentes se lembrassem o que haviam sido e não cedessem à tentação de voltar novamente àquela velha vida (4:1-6).

¹Enio R. Mueller, *I Pedro; Introdução e comentário*, Série Cultura Bíblica (São Paulo: Mundo Cristão, 1988), 38-39.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DO TEXTO

Neste capítulo, faremos uma exegese completa do texto, isto é, uma análise contextual, léxico-sintática, temática e teológica da perícopes (I Pe 3:13-4:6).

Análise Contextual

Os versos 13-17 exortam os cristãos da Ásia Menor à serem fiéis a Deus e “pacientes na prática do bem”, em face dos sofrimentos porque passavam. São exortados a praticar o bem como é feito em todo o livro. Naquele momento histórico, eles estavam sendo perseguidos pelos concidadãos. Entretanto, Nero estava por desencadear uma forte perseguição contra os cristãos, e Pedro, em Roma, estava ciente disso. Nesse período os cristãos eram obrigados definir sua posição em relação ao governador romano, pois eram confundidos como uma seita judaica. É válido ressaltar que os judeus eram odiados por todo o império devido às tentativas de rebelião que provocavam contra Roma. Qualquer que dizia cultuar o nome de Cristo era também identificado como de uma seita ligada aos judeus. Por essa razão, Pedro sabia dos sofrimentos que passavam e até o que poderia vir. Os versos 13-17 deixam claro essa questão do sofrimento.

O verso 18 contém a expressão “O Justo pelos injustos”. Pedro estava enfatizando que Cristo havia sofrido e morrido, garantindo a salvação a esses cristãos que outrora foram injustos, sendo um consolo e esperança para todos. Cristo morreu para que

eles fossem “conduzidos a Deus”. Ele “morreu na carne, mas foi vivificado no espírito”, ou seja, ressuscitou. Algumas versões, porém, dizem “vivificado pelo espírito”, que seria uma referência ao Espírito Santo. Segundo Enio R. Muller, “espírito” seria um dativo de referência¹. Sendo assim, a expressão não estaria indicando uma oposição entre o corpo e o espírito (alma) de Jesus. Trata-se apenas de duas esferas da existência de Cristo, “na carne”, referindo-se à Sua vida durante a encarnação, e “no espírito”, referindo-se à Sua natureza antes da encarnação, que Ele também reassume após a encarnação². Muitos crêm que Jesus passa a ter um corpo espiritual quando se diz “vivificado no espírito”. Essa natureza seria um corpo desencarnado como alma ou algo fantasmagórico. Porém, Cristo foi glorificado de acordo com o próprio relato de Lc 24:36-46, que narra o aparecimento de Jesus aos discípulos. Jesus pede para que eles apalpem Suas mãos e pés, dizendo “que tem carne e ossos” (Lc 24:50), e Ele até come com eles. Foi com esse corpo que Jesus ascendeu aos céus.

No verso 19, a expressão “no qual”, admite duas interpretações: pode ser uma continuação do final apenas do verso anterior, se entendermos “vivificados pelo Espírito” em lugar de “vivificados no espírito”. Seria então o Espírito Santo que vivificou a Cristo e pregou aos espíritos em prisão. A outra interpretação é que “no qual” seria uma continuação de todo o verso anterior e não somente do final (verso 18), se entendermos “vivificado no espírito” como-se referindo à natureza antes da encarnação. Dessa maneira,

¹Enio R. Muller, *I Pedro, Introdução e comentário*, Série Cultura Bíblica (Ed. Vida Nova: São Paulo, 1996), 213.

²Spirits in Prison”[I Pet. 19:3], *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, ed.F. D. Nichol (Hageston, MD: Review and Herald Publishing Association, 1980), 7:574-576.

a idéia é que Cristo em Sua preexistência (natureza glorificada), “foi e pregou aos espíritos em prisão”.

Há autores que adotam a seguinte interpretação: Cristo foi vivificado no espírito, desceu ao hades e pregou aos espíritos em prisão logo após a ressurreição. Há uma outra variação dessa idéia: essa pregação ocorreu no interlúdio entre a Sua morte e ressurreição. A expressão “foi”, em grego, é *poreutheis*. Em essência, seria o ato de ir, sem indicar o lugar ou a direção. Não está presente no texto grego a idéia de que Cristo “desceu ao inferno”. O termo “pregou” é *ekeryksen*, o qual vem de *kerigma*, uma palavra comum para se referir à pregação das boas-novas do evangelho, que teria sido destinada aos espíritos em prisão. A pergunta é: Quem realmente são eles?

Para sabermos quem são os tais espíritos, temos que fazer uma análise léxico-sintática das palavras espírito (*pneuma*) e prisão (*fulakē*).

Análise Léxico-Sintática de *Pneuma* e *Fulakē*

“Espírito” vem do grego *pneuma* (espírito, vento). A raiz “*pneu-*” denota o movimento dinâmico do ar. Seus derivados têm os seguintes significados: *pneo*, “soprar” (do vento e do ar em geral); “respirar” (também no sentido de ter vida); “fôlego de vida” ou “ar”. O sufixo *-ma*, que complementa a raiz, denota o resultado de colocar o ar em movimento. Portanto *pneuma* é usado para identificar o “fôlego de vida” do homem, por assim dizer, um “vento em movimento” (Mc 2:8; 8:13; 14:38; Lc 1:17; Jo 11:33; 13:21; At 8:16; 17:16; 19:21; 20:22; Rm 1:9; I Cl 4:21; 7:34; 14:14-15; 16:18; II Co 2:13; 4:13; 7:13;

12:18; Gl 6:1; Fl 1:27; Cl 2:5; Ap 1:10)¹. No NT aparece *pneuma* em todos os seus sentidos, com suas varias flexões, mais de 386 vezes². Estes textos citados estão em paralelo com *pneumasin* de I Pe 3:19, pois se refere ao homem como um todo, não fazendo uma dicotomia ou tricotomia; seguindo o pensamento hebraico e não o do grego clássico. No hebraico do AT *rûah* pode significar “vento”, sendo a “respiração”, ou seja, o ar em movimento, a expressão externa de força vital inerente em todo o comportamento humano. Ou seja, um espírito pode ser também um sinônimo de plano ou situação (Is 19:3); comportamento para com outros homens (Pv 16:9), sendo estado mental e emocional. O termo *rûah* aparece relacionado com o “fôlego de vida” em varias partes do AT (Jo 14:10; 32:8; Sl 31:5; 146:4; Ec 3:19-21; 12:7 etc). Também aparece como “mente do homem”, “estado emocional”, “consciência moral” e “êxtase mental” como levado em espírito a ter visão (Sl 78:8; Is 26:9; 29:10; 57:15-16; Ez 13:3; 18:31; 21:27; Dn 5:12). *Rûah* ocorre 377 vezes no AT; é usado também como anjos (Zc 1:9; Sl 10:4; I Rs 19;11;22:2); com maior freqüência é traduzida por “espírito”, “vento” ou “fôlego”³. São estas passagens citadas acima, paralelas a *pneumasin* de I Pe 3:19.

Fulakē no NT significa: “guardar”, “vigiar”, “lugar de guarda” ou “prisão de circunstâncias”. Não significa lugar somente, mas tempo também. Os romanos tinham a prática de dividir a noite em três períodos de tempo, até às 6 horas da manhã. Nesses

¹Lothar Coenen Colin Brow, “Espírito”, *Dicionário Internacional de Teologia do Nova Testamento*, Trad. Gordon Chow, 2ª ed. (São Paulo: Vida Nova, 2002), 1:713.

²Ibid., 219-221.

³Colin Brow, “Espírito”, 1:714-718.

períodos de tempo, cada vigia deveria ficar vigiando uma prisão, o que os colocava em uma prisão circunstancial¹. Da mesma forma, Satanás ficará neste mundo, durante mil anos, preso por uma cadeia de circunstâncias. Ele só será solto desta prisão depois do milênio” (Ap 20:7). Também pode ser a prisão do pecado, como os cativos (sinônimo de prisão) que Jesus veio pôr em liberdade em Lc 4:18.

O Significado de *Pneuma* em Relação a *Fulakē* em I Pe 3:19

Alguns acham que estes “espíritos (*pneumasin*) em “prisão” (*fulakē*) são os antediluvianos mortos no hades, no inferno. Outros acham que eram anjos maus. Mas, Pedro se refere a eles como pessoas vivas, usando duas figuras de linguagem: uma sinédoque ao se referir a “espíritos”. O autor se refere ao homem no seu todo (corpo e espírito) usando apenas a palavra “espírito”. Não há porque entender “espírito” como uma entidade destituída de um corpo, ficando claro que o termo espírito é o próprio homem. (ver I Co 16:18; Gl 6:18; Hb 12:22 e 23; Nm 27:15-16), pessoas vivas capazes de aceitarem a salvação. A outra figura seria uma metáfora pois o autor se refere à “prisão” como sendo uma palavra com o significado de outra, em vista de uma relação de semelhanças entre o que elas representam. O termo “prisão” deveria ser entendido como uma cadeia de circunstâncias onde o homem estaria preso, como o pecado, e não um lugar literal. A prisão em que estes “espíritos” se encontram é a prisão do pecado, em que se encontra a natureza não regenerada (ver Sl 147:7; Pv 5:22; Is 42:6-7; 61:1; Lc 4:18; Rm 6:1-23; 7:7-25).

O verso 20 diz: “os quais noutra tempo foram desobedientes, quando a

¹Colin Brow, “Guardar”, 1:929.

longanimidade de Deus os aguardava nos dias de Noé”. A expressão “noutro tempo” indica a época em que estes espíritos viveram; o texto diz que foram desobedientes nos dias de Noé. O texto também diz: “quando a longanimidade [paciência] de Deus os aguardava”. Foram cento e vinte anos oferecidos por Deus ao povo, através da pregação de Noé. Enquanto isso, “a arca era preparada” e somente oito pessoas se salvaram através das águas. As águas foram instrumentos de juízo e salvação para todos eles. Como o tema é vindicação, Pedro mostra aos cristãos da Ásia Menor que Jesus foi o exemplo daquele que é vindicado. “O justo morre pelos injustos” dando oportunidade de salvação a todos. Oportunidade foi dada aos antediluvianos, mas foi somente Noé e a sua família que aceitaram e foram salvos.

De acordo com as Escrituras, a oportunidade destes antediluvianos já havia se passado, pois não há uma segunda chance. “Aos homens está ordenado morrer uma só vez, vindo depois disso o juízo” (Hb 9:27; ver também Is 38:18-19 ; IICo 6:1-2 ; Hb 3:7-8; 6:4-6; Rm 2:6). Com base na relação da palavra espírito (*pneuma*) com a palavra prisão (*fulakē*), foi observado que a pregação se deu no passado, aos homens que tinham fôlego de vida e estavam presos ao pecado. Se tiveram fôlego nas narinas, também tiveram carne e ossos. O próprio texto de Gn 7:22 diz que “tudo o que havia em terra seca morreu, todos os que tinham fôlego em suas narinas”. Portanto, I Pe 3:19-20 faz uma alusão ao dilúvio. Negar essa idéia é ignorar o fato de que Noé foi um “pregador de justiça” para a sua geração (II Pe 2:5), e que essa geração rejeitou deliberadamente a mensagem de Deus enviada por intermédio de Seu mensageiro¹. Por essa razão, foram chamados por Pedro de

¹Pedro Apolinário, *Textos difíceis do Novo Testamento*, compilação feita pelo SALT (São Paulo: IAE, 1969), 216

desobedientes. No fim do verso 20, lemos que somente oito pessoas foram salvas através das águas (Noé e família). Salvas por aceitarem a mensagem de salvação oferecida por Cristo. Mensagem que foi aceita por Noé, e que ele pregou àquela geração (II Pe 2:5). Portanto Jesus pregou indiretamente, por intermédio de Noé.

As águas que literalmente salvaram Noé e família poderiam simbolicamente salvar os cristãos da Ásia através do batismo. Essa idéia é comprovada no verso 21 que diz: “como verdadeira figura, agora vos salva o batismo”. Assim como o exemplo da morte e ressurreição de Cristo (em paralelo com o verso 18) todos morreram para o pecado e ressuscitaram com Ele (através da cerimônia do batismo). Todos sepultaram (de maneira figurada) seus pecados nas águas para ficarem limpos para que um dia não sejam sepultados ou destruídos com o pecado, como os espíritos em prisão (os antediluvianos presos no pecado). Estes cristãos foram “salvos no batismo, não ‘das imundícias da carne’ (verso 21), significando um simples banho, ou os banhos cerimoniais judaicos, ou até mesmo o batismo cristão como um “ritual”, mas o autor fala de uma limpeza interna da mente, dizendo: “mas da indagação de uma boa consciência para com Deus pela ressurreição de Cristo” (final do verso 21)¹.

No verso 22, Pedro fala de Cristo “o qual depois de ir ao Céu, está à destra de Deus, ficando-lhes subordinados anjos, potestades e poderes”. Nesse verso, o autor trata da exaltação de Cristo. Agora Satanás e os seus anjos estão condenados e os poderes deste mundo que acham ter toda a autoridade de perseguir os cristãos também estão sob a Sua condenação. Em outras palavras, os cristãos não têm nada a temer, pois Cristo está no

¹Nichol, 7:574-576.

controle de tudo e julgará a todos pelo mesmo Evangelho que salva.

Alguns autores sustentam que o verso 22 está em paralelo com o 19, onde a pregação de Cristo foi feita a anjos, proclamando Sua vitória aos mesmos. No entanto, o verso 20 diz: “os quais foram desobedientes nos dias de Noé”, o que sem dúvida consiste numa referência aos antediluvianos. Portanto, o verso 19 refere-se a esses espíritos como sendo os antediluvianos e não aos anjos desobedientes, pois como podemos harmonizar esses “espíritos em prisão” desobedientes “no outro tempo” com o conceito bíblico que os anjos maus continuam desobedientes até hoje (Ef 6:12; I Pe 5:8)? Que necessidade teria Cristo de pregar aos anjos caídos sendo que estes já estavam perdidos e não tinham mais salvação (Judas 6)? Portanto, não podemos afirmar que o verso 22 é a prova de que Cristo ao ser exaltado pregou a anjos maus, os quais são os espírito em prisão do verso 19.

No capítulo 4:1-6, o autor continua o assunto da exaltação de Cristo dizendo que Ele também foi morto na carne; e os cristãos da Ásia Menor deviam se “armar desse pensamento”. “Aquele que morreu na carne, deixou o pecado”, ou seja, “o aniquilou”, não porque tinha pecado. É que o homem estava condenado a ser escravo do mesmo para sempre, mas Ele pôs fim a isso. Fez isso “para que o tempo que resta a eles (os cristãos) na carne (tempo de vida), não viviam de acordo com as paixões do mundo”. No capítulo 4:2, há uma prova da oportunidade de salvação oferecida. Portanto, não há segunda chance e o próprio contexto mostra isso.

No capítulo 4:3, o autor fala que “já basta o tempo decorrido”, ou seja, “o tempo em que vocês estavam praticando a vontade dos gentios”. Cometendo vários tipos de pecado. No verso 4 o autor diz: gentios “que difamam”, ou melhor, blasfemam, “achando estranho o bom procedimento” dos cristãos, por não praticarem o mesmo que

eles. No verso 5, Pedro continua: “os quais hão de dar conta ao que está preparado para julgar os vivos e mortos”, ou seja, Cristo. No verso 6, O autor termina o assunto da perícopes com um verso um pouco difícil, por isso devemos prestar atenção no significado de cada palavra ou expressão.

“Tem sido pregado o Evangelho” – a flexão do verbo indica claramente que essa pregação ocorreu antes de Pedro escrever essa epístola. Se Pedro estivesse se referindo a pessoas espiritualmente mortas, provavelmente teria escrito: “o Evangelho está sendo pregado”¹.

“Aos mortos” – provavelmente aos mortos, como sugere a última parte do versículo. O contexto torna improvável a idéia de que Pedro fale aqui em um sentido figurado dos que estão espiritualmente mortos. Os mortos de I Pe 4:5 são mortos literais, uma vez que os versos 5 e 6 falam dos mortos em relação ao juízo. Seguramente os mortos do verso 6 são também mortos literais. Se houvesse uma transição do sentido literal para o figurado, isso seria visto imediatamente pelo contexto. Sem dúvida, as Escrituras ensinam explicitamente o estado inconsciente dos mortos, e que o tempo de graça dos seres humanos termina com a morte. Pode a verdade ser pregada à mortos? O ensino das escrituras sobre o estado do homem na morte nos diz que isso não é possível, pois não há consciência do homem na morte (Sl 146:4; Ec 9:5; Sl 6:5; 115:14; Ec 9:6,10; 12:7; Mt 19:28; Jo11:11). “Deus formou o homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o ‘fôlego da vida’ e o homem passou a ser alma vivente” (Gn 2:7); a palavra “alma” ou “ser” no

¹Ibid., 7:576.

hebraico é *nephesh* e se refere a uma pessoa. Se o homem veio do pó da terra e ao pó retorna, seu “fôlego” ou “espírito”(ruáh) volta a Deus que o deu (Ec 12:7), então se desfaz a “alma vivente”. É somente na volta de Jesus que os mortos ressuscitam e voltam a viver (Jo 11:20; I Co 15:21-22; I Ts 4:16-17). Portanto, os que estavam mortos quando Pedro escrevia haviam ouvido o Evangelho antes de morrer; “o Evangelho foi pregado aos que agora estão mortos”¹.

“Para que” – o apóstolo destaca os resultados da pregação do Evangelho aos seres humanos que viveram, mas que já haviam morrido.

“Sejam julgados” (Jo 5:29; II Co 5:10; Hb 9:27). Não poderiam ser tidos por responsáveis de responder ao Evangelho se nunca o houvessem ouvido (ver Ez 3:18-20; Jo 3:19; 15:22; At 17:30; Lc 23:34; I Tm 1:13), como os antediluvianos que também ouviram o evangelho através de Noé (3:20).

“Em carne” – quer dizer, como seres humanos vivos (ver cap. 3:18-19).

“Segundo” – os que estão mortos serão julgados tendo em conta como atuaram nesta vida. Serão julgados sobre a mesma base que os vivos, quer dizer, os vivos mencionados no versículo 5.

“Vivam” – Pedro se refere a cristãos que haviam morrido em Cristo, nos quais os crentes do NT tinham muitíssimo interesse (Is 15:12-14; I Ts 4 :13-17). Esses mortos que ouviram e aceitaram o Evangelho enquanto viveram serão, no juízo, considerados como dignos de viverem em espírito segundo Deus.

¹Ibid., 7:576.

“Em espírito” – quer dizer, com corpos glorificados e imortais, como o de Cristo quando ressuscitou (cap. 3:18; Jo 3:6; Rm 8:9)

“Segundo Deus” - poderia significar “como Deus vive”, ou seja, serão transformados em imortais (I Co 15:51-55; I Ts 4:16-17), “como Deus quer” de acordo com a vontade de Deus de que vivam segundo se decretou o juízo¹.

Conclusão Parcial

Depois desse estudo exegético chega-se à conclusão de que essa pregação foi Cristo quem fez mediante o ministério de Noé. Pedro nos versos 19 e 20 alude aos dias de Noé como uma ilustração a suas exortações servindo de consolo aos cristãos da Ásia Menor que sofriam perseguições, mas já haviam vencido em Cristo e não tinham nada a temer. Se Cristo foi paciente nos dias de Noé, seria também para com todos da época de Pedro dando oportunidade à eles. Se Cristo vindicou a Noé e condenou o mundo antigo, o mesmo Ele faria com todos os que maltratavam esses cristãos, pois está acima de todos eles.

¹Ibid., 7:576.

CONCLUSÃO

Este trabalho pretendeu analisar a difícil passagem de I Pe 3:19, e indicou que para uma correta compreensão deste texto ele precisa ser primeiramente compreendido como um tipo de consolo e exortação aos cristãos da Ásia Menor. O objetivo do autor era que eles fossem fiéis e pacientes na prática do bem e nas tribulações. Nos versos 18 a 20, Pedro faz uma alusão aos dias de Noé e a usa como ilustração para suas exortações. Ele mostra que a salvação foi oferecida ao povo antediluviano, mas que somente Noé e a sua família foram salvos. Cristo foi paciente com aquela geração, portanto também seria com todos os que viviam na época de Pedro e daria oportunidade para que eles se arrependessem. Se Cristo vindicou a Noé e condenou o mundo antigo, o mesmo Ele faria com todos os que maltratavam esses cristãos, pois Ele se fez dominador de tudo e está acima de todos eles. Todo este paralelo que Pedro apresentava trazia conforto e encorajamento para os cristãos.

Após um exaustivo estudo do contexto dessa passagem, chegou-se a conclusão geral de que esses “espíritos em prisão” eram os antediluvianos, e que Cristo pregou à eles mediante o ministério de Noé. Não eram seres humanos que estavam presos no hades, nem, tão pouco, eram anjos caídos, mas pessoas vivas presas ao pecado e capazes de aceitar a salvação em sua época.

BIBLIOGRAFIA

- Allen, Clifton J. “I Pedro”. *Comentário Bíblico Broadman*. Editado por Ray Summers 3ª edição. Rio de Janeiro: JUERP, 1990. 12:190-195.
- Apolinário, Pedro. *Textos difíceis do Novo Testamento*. Compilação feita pelo SALT. São Paulo: IAE, 1969.
- Aquino, Tomas de., *Sumas Teológicas*. São Paulo: Imprimitur Monsenhor Enesto de Paula, 1934. Vol. XXIV; 227-265.
- Bawer, Walter - Grichisch – Danker. *A Greek English Lexicon of The New Testament and Other Early Christian literature*. Publishing en The University of Chicago Press, 1957. 680-685.
- Blum, Edwin A. “I Pedro”, *The Expositors Bible Comemmentary*. Editado por Frank E. Gaebelein Grand Rapids. Mi: Zondervan, 1981 12:242-243.
- Brow, Lothar Coenen Colin. “Espírito”. *Dicionário Internacional de Teologia do Nova Testamento*. Traduzido por Gordon Chow. 2ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2002. 1:713.
- Champlin, Russel Norman e João Marques Bentes. “Espíritos na Prisão. I Pedro”. *Enciclopédia de bíblia teologia e filosofia*. São Paulo: Candeia, 1991. 2:517-518.
- Champlin, Russel Norman. *O novo testamento interpretado* São: Paulo: Hagnos, 2002, 6:139-152
- Dockery, David d. S., ed. *Manual bíblico* São Paulo: Vida Nova, 2001.
- Elwell, Walter A.. “Espíritos em prisão I Pedro. *Enciclopédia histórica teológica da igreja cristã*. Traduzido por E. F. Harrison Editado por Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984. 2:72-75.
- Hale, Broadus Davd. *Introdução ao estudo do novo testamento*..Traduzido por Cláudio Vital. São Paulo: Hagnos, 2002.

- Harris, Ralph W.. “Pneuma (Classical Greek)”. *The New Testament Greek-English Dictionary*. Springfield, Missouri: The Complete Biblical Library, 1986. 15: 227-228.
- Hulbbard, David A.. Espírito. *Word Biblical Commentary*. Vol. 1:49 Waco, Texas: Word Books Publisher, 1988. 205-211.
- Metzger, Bruce M.. *The Greek New Testament*. Nova Yorque: United Bible Societies, 1975. 794-798.
- Michaels, J. Ramsey. Spírit. *Word Biblical Commentary*. VI. 49. Waco, Tx: Word Books Publisher, 1988. 46.
- Mueller, Enio R. *I Pedro; Introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Mundo Cristão, 1988. 25.
- Rice, George E. *Una Esperanza viva*. Traduzido por Gastón Clouzet. Buenos Aires: Asociacion Casa Editora Sudamericana, 1992. 92-94.
- Robertson, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Baker House, 1933. 6:116-118..
- “Spirits in Prison”[I Pet. 19:3]. *Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Editado por F. D. Nichol Hageston MD: Review and Herald Publishing Association, 1980. 7:574-576.
- “The spirits in prison”. [I Pet. 3:19]. *The International Bible Commentary*. Editado por F. F. Bruce Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1986. 1558-1559.
- Welch, W. Wilbert. *A primeira epistola de Pedro*. Traduzido por Yolanda M. Krievin São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1978. 68.
- Willians, Derek. “Hades I Pedro. *Dicionário bíblico vida nova*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2000, 151.